

EIXO TEMÁTICO 6 | EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

O OLHAR PARA A PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA ATRAVÉS DA IDENTIDADE POLÍTICA DO SERVIÇO SOCIAL

THE GAZE TOWARDS UNIVERSITY PERMANENCE THROUGH THE POLITICAL IDENTITY OF SOCIAL SERVICE

Thainá Carvalho da Silva Ribeiro
Vívian Karen Anunciação da Silva dos Santos¹
Silvia Cristina Arantes de Souza²

RESUMO

O presente trabalho decorreu de reflexões a partir das disciplinas “Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social II e III”, nas quais, nos aproximamos do Movimento de Reconceitualização do Serviço Social latino-americano e sua repercussão no desenvolvimento da identidade profissional no Brasil. Procura-se demonstrar a pertinência no que tange à composição de conhecimento acerca dos métodos, instrumentos e técnicas, através da história, dos fundamentos teóricos e do olhar para as diferentes expressões da questão social, resultantes do modo de operação do sistema capitalista. E como o conhecimento totalizado por esses componentes irão interagir com a permanência estudantil no curso de Serviço Social ofertado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A metodologia se concerne por revisão de literatura, a partir de teóricos que discutem a temática abordada neste texto, como: Santos (2009), Silva, Marra e Santos (2021), Yamamoto (2014, 2019), Yazbek (2009), José Paulo Netto (2009), e dentre outros.

Palavras-chave: Serviço Social; Permanência universitária; Recôncavo da Bahia.

ABSTRACT

The present work emerged from reflections stemming from the subjects "Historical and Theoretical-methodological Foundations of Social Service II and III", in which we approached the Latin American Social Service Reconceptualization Movement and its impact on the

¹ Discentes de graduação do Bacharelado em Serviço Social na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); E-mail: (thainacarvalhosr@outlook.com) e (vivianka35@hotmail.com)

² Docente do curso de Serviço Social na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); E-mail: (sillaran@ufrb.edu.br)

development of professional identity in Brazil. It seeks to demonstrate the relevance regarding the composition of knowledge about methods, instruments, and techniques, through history, theoretical foundations, and the examination of different expressions of social issues resulting from the operation of the capitalist system. It also explores how the knowledge synthesized from these components will interact with student retention in the Social Service program offered at the Federal University of Recôncavo da Bahia. The methodology involves literature review, drawing from theorists who discuss the theme addressed in this text, such as Santos (2009), Silva, Marra, and Santos (2021), Iamamoto (2014, 2019), Yazbek (2009), José Paulo Netto (2009), among others.

Keywords: Social Service; University permanence; Recôncavo da Bahia.

1 INTRODUÇÃO

Durante o curso de Serviço Social no CAHL (Centro de Artes, Humanidades e Letras) da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), a matéria Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social (FHTM) é uma das primeiras disciplinas que traz uma perspectiva mais específica e de aproximação com a profissão, de forma que se faz extremamente importante uma formação qualificada para que a continuidade aconteça de forma tranquila e satisfatória. É percebido uma relação intrínseca entre o debate político e crítico, que é aflorado a partir da formação do *ethos* militante do/da estudante, estimulado no decorrer da disciplina referida.

A essência militante e política que perpassa o Serviço Social, originou-se mediante o processo de reação da categoria que ganhou força e ímpeto a partir da difusão massiva de descontentamento com os regimes militares nos países sul-americanos e com a influência interventiva dos Estados Unidos da América – as lutas sociais oriundas desse período ganham espaço no continente, refletindo em distintas camadas da sociedade. Assim, direcionando o olhar para como esse movimento refletiu e se desenrolou especificamente no Brasil, percebe-se que, ainda que em vigência de um regime militar que censurou, perseguiu e combateu quaisquer movimentos políticos, culturais, científicos etc., que não condissessem com seus valores e determinações autoritárias de cunho repressivo, foi-se entranhando pelos profissionais e estudantes, um processo político de renovação da profissão, advindo justamente do processo de resistência política de setores ou grupos da sociedade, numa relação dialética de combate ao capitalismo e enfrentamento às agruras da ditadura civil-militar instalada no país. A lista de nomes que são referências na construção do Serviço Social no Brasil e nas lutas

de resistência da classe trabalhadora se caracteriza por sua extensividade e correspondem a um arsenal teórico de maestria. Com isso, mediante ao percurso de estudo nas disciplinas, analisou-se, a partir desse arsenal teórico, o significado do chamado Movimento de Reconceituação – ou de renovação – do Serviço Social, do qual foi possível compreender a força da expressão da categoria de profissionais em oposição ao conservadorismo e tradicionalismo, marcadamente presentes na profissão e na formação acadêmica, com forte tendência assistencialista, que deu origem à profissão na América Latina.

O presente trabalho acadêmico foi desenvolvido sob o método de pesquisa bibliográfica, dados quantitativos e qualitativos através de formulário aplicado junto a estudantes do Bacharelado em Serviço Social da UFRB, e reflexões sobre as vivências estudantis com base nos relatos pessoais das discentes autoras. A pesquisa parte de uma revisão literária acerca do significado do III CBAS – Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (o denominado “Congresso da Virada”), no processo de renovação do Serviço Social brasileiro, processo esse que se desencadeia a partir do final da década de 1970. Partindo do desejo e da reafirmação de escolha das estudantes, a pesquisa bibliográfica se constituiu, majoritariamente, por meio de leitura do livro Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso, publicado pelo CFESS – Conselho Federal de Serviço Social, em 2009. Este, reúne uma diversidade de artigos, cujo autores são de profunda transcendência para o Serviço Social no Brasil, como: José Paulo Netto (2009), Vicente de Paula Faleiros (2009), Maria Beatriz Abramides (2009), Maria do Socorro Cabral (2009), Luíza Erundina (2009), dentre outros.

Ao aplicar um questionário via formulário online (*Google Forms*), para se aproximar da realidade de outras/os estudantes de Serviço Social da UFRB, quanto ao contato com a matéria curricular de FHTM, foram obtidas 26 respostas, contemplando pessoas já formadas, como também as que estão em formação, sendo estas, de semestres variados. De modo que, dentre as/os graduandas/os em Serviço Social que responderam ao questionário, apenas uma pessoa ainda estava no segundo semestre e não cursou algum componente curricular de Fundamentos Histórico Teórico-metodológicos do Serviço Social. Assim, através dos dados obtidos, dentre as 25 pessoas que já cursaram FHTM na graduação, apenas 5 afirmaram que o componente não foi decisivo para se vislumbrar enquanto um/a futuro/a assistente social. Quando perguntados se a identificação com o curso interfere diretamente na permanência, apenas 3 estudantes disseram que não. Portanto, através da pesquisa realizada, percebe-se que a identificação de conteúdo formativo se constitui fator importante para se vislumbrar no exercício profissional,

onde o reconhecimento é notado, principalmente, pelos componentes curriculares estudados no decorrer da graduação. Mesmo aqueles/as que não consideraram FHTM como fator decisivo para identificação, consideram que esse papel foi desempenhado por outra(s) disciplina(s). Levando em conta que a pesquisa se trata de uma pequena amostra do alunado de Serviço Social da UFRB, a maioria dos/das estudantes compactuam do sentimento de entender os componentes de Fundamentos Histórico Teórico-metodológicos como relevante para prospectar o exercício profissional. Além disso, a maioria concorda que a identificação com o curso é um fator que interfere diretamente na permanência universitária.

2 RELAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO X PERMANÊNCIA

O processo de amadurecimento do ser humano é um tanto complexo e sofrido. O desejo de ser adulto faz parte dos anseios da maioria das crianças e adolescentes, principalmente no que se refere a vida profissional, tornando-se uma escolha complicada e instável, onde inúmeras vezes ouvimos os desejos do “quero ser quando crescer” ligada há alguma vocação, área ou profissão. São muitos caminhos que despertam inseguranças nas mudanças e, no que se refere ao ensino superior; múltiplos fatores influenciam as/os estudantes na escolha de um curso, podendo estar ligado a identificação pessoal, influência, por vivência pessoal/familiar anterior, dentre outras questões. Já inserido numa graduação, destacam-se outros desafios que interferem diretamente na permanência universitária – pauta que vem sendo debatida com vigor atualmente. Muitas vezes, a/o estudante inicia o curso e não se aproxima de imediato com a profissão ou, até mesmo dá início a um curso que não era o seu grande desejo. A vivência universitária parte de um aspecto muito singular de cada um e, até mesmo um componente curricular que parece ser igual, pode ser vivido de maneira diferente, dependendo da/do estudante e da/do docente, o que podemos compreender melhor a partir do que nos traz Santos (2009):

De um modo geral, pode-se dizer que a permanência é, pois, duração e transformação; é o ato de durar no tempo, mas sob um outro modo de existência. A permanência traz, portanto, uma concepção de tempo que é cronológica (horas, dias, semestres, anos) e outra que é a de um espaço simbólico que permite o diálogo, a troca de experiências e a transformação de todos e de cada um (Santos, 2009, p. 68).

Explorando referências e debruçando-se entre reflexões acerca de como a não identificação com o curso implica na permanência, percebe-se uma escassez teórica, onde

pouco se fala dessa subjetividade e como ela afeta a conclusão da graduação. Pessoalmente, é muito comum conhecer alguém próximo que mudou de caminho algumas vezes dentro da Universidade por não se reconhecer na área escolhida. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), através do Censo de Educação Superior entre os anos de 2010 e 2015, aproximadamente 56% de estudantes que iniciaram uma graduação, acabaram evadindo ou trocando de curso, ou seja, a pesquisa destaca que o índice de troca ou abandono de curso superior, equivale à metade do número de ingressantes.

A relação entre a identificação e a permanência estudantil na Universidade movimentou-se também na circunferência do desempenho acadêmico. Contudo, é importante entendermos as diversas nuances que estão pressupostas nessa conjuntura. Como afirmam a autora Jenkins (2008) *apud* Silva, Marra, Santos (2019) “as identidades são construídas pelos indivíduos ao longo da vida, por meio de seus processos de identificação, que se dão a partir de semelhanças e diferenças”.

A evasão estudantil torna-se, a cada dia, uma pauta a ser enfrentada pela Universidade e, a falta de identificação com o curso e de adaptação com a rotina acadêmica, são alguns dos inúmeros motivos que ameaçam essa permanência. Assim, nota-se que a permanência das pessoas estudantes é testada cotidianamente e, encontrar inspiração num determinado componente curricular, pode influenciar no desempenho e no interesse em continuar, de modo que a/o estudante passe a enxergar a Universidade como um espaço de diálogo e descobertas que pode ser aproveitado da melhor forma possível.

3 IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA E “III CBAS”

Durante o atravessamento dos anos 70 do século XX, o mundo como um todo, estava passando por alterações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. Em solo brasileiro, esse cenário não se diferenciava muito e o Serviço Social percorreu o redimensionamento profissional que se desenvolve de acordo com as contextualizações históricas que movimentaram politicamente o país, em especial impactando sua base econômica, suscetibilizando as relações sociais e, principalmente, a classe trabalhadora, por um agravamento da questão social, afinal, o Estado se afirmava como instrumento da classe detentora de capital, ainda que mediatizado por ideologias que mesclavam interesses nacionalista e imperialistas (norte-americana). Durante esse período, o Brasil vivia uma

ditadura civil-militar que foi instaurada após um golpe ao governo João Goulart (08 de setembro de 1961 a 01 de abril de 1964), financiado, inclusive pelos Estados Unidos, por interesses econômicos e geopolíticos, e que durou 21 anos³.

Em consequência dessa estrutura política, muitos acontecimentos foram necessários para trilhar a construção do Movimento de Reconceituação do Serviço Social em solo brasileiro. E, incontestavelmente o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (III CBAS) é considerado como um marco histórico para essa trajetória de renovação e para a construção de um projeto profissional de ruptura com o tradicionalismo. Indo na contramão da dominância conservadora que predominava nas direções das instâncias e fóruns da época, como o Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFAS), Conselho Regional de Assistentes Sociais (CRAS), Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), dentre outras, além do cenário nacional, também compreende-se que foi necessário uma extrema determinação e articulação por parte dos/das assistentes sociais comprometidos ideologicamente com a luta democrática e defesa dos direitos da classe trabalhadora.

Esse congresso é um marco simbólico na recusa do conservadorismo de origem no Serviço Social brasileiro em favor de sua renovação histórico-crítica, ao associar-se aos interesses e necessidades dos trabalhadores em luta pela democracia. Contestam-se propostas exógenas à realidade latino-americana e anuncia-se “a virada” dos compromissos políticos com as classes dominantes e o poder político, que presidiram a institucionalização e o desenvolvimento do Serviço Social no Brasil. Esse Congresso foi a primeira e tardia manifestação massiva da categoria dos assistentes sociais contra a ditadura militar-empresarial e o poder de classe que a sustentou. (Iamamoto, 2019, p.441)

Relacionar a “virada” do Serviço Social brasileiro com a “virada” que aconteceu na política nacional, por meio da inserção da classe operária no campo político, é necessário para compreender os meios que levaram a este acontecimento. Isto significa que houve uma politização da prática profissional na mesma medida em que a sociedade brasileira avança politicamente também na luta da classe trabalhadora, entendendo que o capitalismo, enquanto um sistema político e econômico, se alimenta da desigualdade social determinando a sua estrutura e que o país obedecia a uma ordem internacional de desenvolvimento do capitalismo, numa condição de dependência e subalternidade periférica. Essa condição do país agudizava a

³ O período da ditadura civil-militar perdurou no Brasil por 21 longos anos, de forma que exploramos sobre o assunto durante as aulas de FHTM II, onde assistimos ao Documentário “O dia que durou 21 anos”, que trata principalmente, da influência estadunidense na culminância do golpe de 1964.

desigualdade social – também agravada por uma conjuntura de inflação econômica – de forma que a questão social, cada vez mais impactava a classe trabalhadora, somando-se a quadros de desemprego, fome e vulnerabilidade social, fazendo com que houvesse mobilizações e a emergência de um novo sindicalismo em busca de melhorias sociais e condições de trabalho, denunciando a exploração e a insalubridade vividas pelo proletariado e fomentando a luta pelos direitos trabalhistas e pela justiça social.

Dessa maneira, a reflexão sob a ótica do estudo bibliográfico consiste, por intermédio da análise histórica do Movimento de Reconceituação do Serviço Social, assim como do contexto social, político e econômico em que o Brasil estava pressuposto, diante da duração e da queda do regime da ditadura civil-militar. Os documentos de Araxá, em 1967 e Teresópolis, em 1970, que foram construídos por assistentes sociais em seus respectivos seminários de teorização discutindo técnicas e teorias que circundam a profissão, evidenciam como a perspectiva modernizadora assume uma hegemonia que só começa a ser questionada a partir desse momento de desgaste econômico também, ou seja, foi a partir do processo de queda da autocracia burguesa que ocupava integralmente o Estado brasileiro naquela conjuntura, que a lógica conservadora passa a ser repensada nos interiores da profissão.

O novo sindicalismo, que foi marcado pelo movimento grevista dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, com a pauta de reivindicação por aumento salarial, em 1978 e nos anos seguintes, contou com o apoio de diversas categorias, inclusive de parcelas da categoria de assistentes sociais, lutando por dignidade em um quadro nocivo diante da crise estrutural econômica e da opressão política. E, logo mais, no III CBAS, um dos maiores líderes desse novo sindicalismo, que chegou a ser preso pelo governo da ditadura militar vigente na época, o metalúrgico Luiz Inácio da Silva⁴, foi convidado a participar da composição da mesa, trazendo uma tônica política e a sinalização de uma aproximação, pela significância do Congresso, dos/das assistentes sociais com os repertórios vividos pela classe trabalhadora naquela condição e configuração de país. Como sucinta José Paulo Netto (2009):

Relacionar o III Congresso à reinserção da classe operária na arena política é absolutamente necessário para compreender a sua significação – não foi por acaso que, no processo e na euforia da “virada”, substituída a Mesa “oficial” do Congresso, nela tenha tido lugar aquele que, no momento, simbolizava a vigorosa emergência proletária na vida política, o então líder metalúrgico Luís

⁴ Líder sindical que na década de 1980, modifica seu nome para Luís Inácio Lula da Silva, incorporando a ele, o seu apelido *Lula*, pelo qual tornou-se nacional e mundialmente conhecido.

Inácio Lula da Silva. Mas não se trata, apenas, de significação simbólica: foi a imantação operada pelo protagonismo operário que precipitou e catalisou possibilidades concretas existentes no campo do Serviço Social, favorecendo a sua objetivação e dando suporte societário amplo à sua conversão em realidade (Netto, 2009, p.31).

Ainda diante do exposto Luiza Erundina (2009) é consoante ao dizer:

Convidado de honra do III CBAS, e representando os trabalhadores brasileiros, o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva participou do ato de encerramento do Congresso quando falou aos assistentes sociais. Foi um discurso político, dizendo ter se surpreendido ao ver os profissionais assistentes sociais engajados na luta em defesa da população. Falou do compromisso desses profissionais com os interesses populares e com a democracia. Acrescentou ainda que imaginava tratar-se de um Congresso de uma pequena burguesia, mas que tinha ficado “fascinado por ver a coragem com que as pessoas se colocavam diante do microfone e criticavam, sem nenhum receio, os erros cometidos, seja pelos patrões, seja pelo governo, seja até mesmo por colegas. Democracia é isso”. E concluiu com a seguinte aclamação: “Haverá um dia em que trabalhadores braçais, assistentes sociais, intelectuais, políticos, todos nós, juntos, nos levantaremos sem um pingão de medo, mas também sem um pingão de ódio, e em praça pública gritaremos alto e em bom som: Povo sofredor, secai vossas lágrimas! Escravos, levantai-vos de vossa prostração!” (Erundina, 2009, p.116)

Logo, é de suma importância salientar e rememorar sobre o valioso reconhecimento e autorreconhecimento da profissão enquanto classe trabalhadora, bem como a incorporação da categoria, a partir disso, à jornada na busca pelos direitos civis, sociais e políticos, à luta em prol da democracia. A participação de parcela significativa da categoria de assistentes sociais e de seus grupos articulados se deu, inclusive a luta política durante o processo da Constituinte, que culminou na Constituição de 1988 e, mais especificamente, no tocante ao desenvolvimento da profissão no país, a nova consciência política que emergia no seio profissional, impactou decisivamente nos processos de revisão do código de ética e do ensino de serviço social no país que ocorreram nas décadas seguintes.

O Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais é um evento organizado pelas entidades do Serviço Social no Brasil, sendo um importante espaço de troca entre os/as assistentes sociais e estudantes. Contando com uma programação diversa entre vários dias, esse momento de debate e reflexão da categoria acontece a cada três anos, no qual busca-se uma série de atividades e temáticas para uma reafirmação do compromisso profissional. Como aqui já mencionado, tem-se no III CBAS, um grande impacto para todo redimensionamento que

aconteceu na profissão. Realizado entre 23 a 27 de setembro de 1979, na cidade de São Paulo, em um momento de intensa tensão social e política, conjuntura na qual as entidades sindicais se organizavam em todo país, sob regime de uma ditadura civil-militar, o III CBAS demarcou a inserção do Serviço social brasileiro em um movimento da categoria profissional que se espraiava na América Latina: o Movimento de Reconceituação.

Considerando a forte tendência tradicional que baseava o exercício profissional dos/das assistentes sociais desde sua gênese e o momento político que o Brasil perpassava, as instâncias dominantes do Serviço Social eram lideradas por assistentes sociais com uma formação tradicional de viés tecnicista. Porém, o clima de luta, resistência e mudança que já vinha se internalizando na categoria profissional, culminou na manifestação contrária ao governo e ao conservadorismo que ameaçava a classe trabalhadora no decorrer do próprio III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais:

O III Congresso não trouxe a categoria profissional para a cena política, da qual ela nunca esteve ausente: trouxe para a cena política os componentes democráticos até então reprimidos na categoria profissional. E se o fez tardiamente, a responsabilidade deve ser debitada à força do conservadorismo que, derrotado naquele episódio histórico, nem por isto viu suprimida a pesada e duradoura hipoteca que impôs e impõe ao Serviço Social no Brasil (Netto, 2009, p.33).

Foi a partir desse ato de manifestação organizado pelas/os assistentes sociais contra o tradicionalismo e na busca pela construção de um projeto que redimensionasse política e eticamente o fazer profissional, que o III CBAS ficou conhecido como “Congresso da Virada”. Além disso, Iamamoto (2019) nos reitera sobre a importância da aliança da categoria com o movimento social e a luta dos trabalhadores:

Importa reforçar alianças com outros profissionais, com entidades de representação coletivas, com fóruns de representação de políticas, de articulação de trabalhadores e movimentos sociais, de modo que suas necessidades e interesses possam adquirir visibilidade e ser reconhecidos na cena pública. “Não soltar a mão de ninguém” para preservar a força de nossa resistência coletiva. Ela é potenciada na aproximação às lutas dos trabalhadores e movimentos sociais na defesa dos direitos, interesses e projetos societários das classes subalternas, expressando suas necessidades e aspirações na cena pública (Iamamoto, 2019, p.457).

Portanto, destaca-se como o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, dentre outros fatores, impactou no currículo profissional, retificando a formação e buscando

inspiração marxista, juntamente com o aparato deliberado pelas lutas sociais, de classes, compondo uma nova cultura profissional, com atuações políticas, que mais tarde iria consolidar o atual projeto ético-político do Serviço Social brasileiro.

4 CONCLUSÃO

Ao nos identificarmos, será que permaneceremos? Como demonstrado na nossa pesquisa e em nossa experiência estudantil, consideramos que, de certo modo, sim. A tônica para permanecer no curso, advinda do componente curricular, inspira e expõe o aluno a aprendizagem de modo dialético, analisando toda a conjuntura política que alcançou a história do Serviço Social e a se refletir no agora, considerando, nesse sentido, através das trocas de conhecimento, pelas leituras dos textos, assim como pelas socializações das vivências singulares que o alunado se reconhece e observa as numerosas caminhadas entre os dilemas circundados pelo sistema capitalista.

A identificação, que pode ser também a partir da aquisição de novos conhecimentos (teóricos e políticos) no ambiente universitário, se constitui numa possibilidade de permanência estudantil. Honorato e Borges (2023) refletindo sobre o conceito, sob perspectiva dos estudos da permanência na educação superior brasileira de Vicent Tinto, afirmam:

A permanência, da perspectiva que passou a adotar ao longo de sua carreira, é algo mais do que “ficar” (retention) ou “não sair” (drop-out), mas um “processo no qual o estudante persiste, ao longo do tempo e de dificuldades” (Cola, 2022, pp. 21-22), em direção à realização eficaz de sua graduação. (Honorato e Borges, 2023, p. 4)

Assim, diante da realidade concreta que assola diariamente as/os assistentes sociais, com os desafios do exercício profissional, percebe-se que chegar ao fim de uma graduação, engloba uma série de fatores e determinações de cunho pessoal, além dos demais. Na contemporaneidade, o Serviço Social, assim como muitas outras áreas de trabalho, vem sendo atingido pela onda do neoliberalismo e suas consequências cruéis. É correto afirmar que a identificação não é suficiente para a permanência, mas ela é crucial nesse processo. Será possível exercer uma profissão de forma qualificada sem o mínimo de identificação com a proposta profissional apreendida durante o período de formação acadêmica? Adentrar numa Universidade, estar presente nas aulas, realizar atividades, fazer pesquisa, dentre tantos outros afazeres no cotidiano universitário refletem incontáveis ações, abdições e decisões. E, não

havendo o mínimo de entendimento e reconhecimento com aquele curso, torna-se muito improvável a conclusão dos estudos. A precarização do trabalho é um debate constante na formação de Serviço Social, em que ainda na formação, já se lida com o que será encontrado no “pós-diploma”, despertando reflexões acerca do futuro profissional e da permanência também. O trabalho em si, é uma atividade que desprende muita energia para não se considerar todas as opções.

Dado o exposto, se identifica nessa pesquisa, sobretudo, o comprometimento, principalmente após o impacto do III CBAS, pelo redimensionamento da profissão e o olhar para a população usuária dos serviços – esta que compõe a classe trabalhadora –, com mais entrega e responsabilidade, visto as demandas sociais, na luta pela democracia, dignidade e rearticulação social em meio a queda da ditadura civil-militar e numa perspectiva de crítica ao sistema capitalista. Dessa forma, analisando a importância de uma formação acadêmica que não escamoteie a dimensão política, de estudantes e futuros assistentes sociais, compreende-se a necessidade de um currículo condizente com a trajetória ética e política do Serviço Social, onde aconteça uma reflexão crítica quanto a gênese e desenvolvimento da profissão. Além de se identificar enquanto corpos políticos e representativos para a sociedade, os/as estudantes precisam estar alinhados com a luta da categoria, proporcionando um aprendizado libertador e gratificante. É importante perceber também que o despertar político da categoria há 44 anos, foi um movimento significativo, primordial e decisivo para a trajetória do Serviço Social brasileiro, porém ainda é preciso continuar esse processo de “virada” em consonância com as expressões socioculturais da contemporaneidade.

Dessa forma, compreende-se que a vivência universitária se complementa a cada debate e que se estende além da sala de aula. Independente do momento que se adentre à Universidade, faz-se necessário abraçar as provocações causadas pelo ambiente acadêmico, onde o reconhecimento transforma a/o sujeito em diversos sentidos, seja no processo de formação pensante, quanto teórico-crítica e, por conseguinte formação político-cidadã. É pertinente refletir como a “virada” é um processo contínuo. Percebe-se, sobretudo, que assim como o Congresso da Virada foi essencial para redirecionar a formação em Serviço Social naquele momento, reafirmando o pertencimento político da categoria com a “classe que vive do trabalho”, atualmente, nota-se novas ramificações, principalmente com relação às lutas sociais contemporâneas e a emergência de novos sujeitos coletivos. Ou seja, a categoria, e sua elite pensante, precisam continuar se movimentando frente as transformações sociais e ideo-

culturais, sinalizando a necessidade de não se limitar às questões de classe, mas expandir o olhar e reconhecer questões como raça, gênero e sexualidade, estudando e reconhecendo tais categorias como particularidades que se movimentam e se determinam na dialética da sociedade capitalista contemporânea. A “virada” é movimento!

REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz e CABRAL, Maria do Socorro. **A organização política do Serviço Social e o papel da CENEAS/ANAS na virada do Serviço Social brasileiro**. In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS-9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (coorganizadores). Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso. – Brasília, CFESS, 2009 (p. 107-142).

ANTUNES, Ricardo e ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educação & Sociedade [online]. 2004, v. 25, n. 87 [Acessado 1 Março 2024], pp. 335-351. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>>. Epub 22 Set 2004. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>.

ERUNDINA, L. **Processo e significado da virada**. In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (co-organizadores). Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso. – Brasília, 2009.

HONORATO, Gabriela de Souza; BORGES, Eduardo Henrique Narciso. **Permanência na educação superior brasileira: contribuições de Vincent Tinto**. Linhas Críticas, [S. l.], v. 29, p. e46400, 2023. DOI: 10.26512/lc29202346400. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/46400>. Acesso em: 1 mar. 2024.

IAMAMOTO, M. V. (2014). A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**, (120), 608–639. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.001>

IAMAMOTO, M. V. **Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos**. Serv. Soc. Soc. São Paulo, n.136, p. 439-461, set/dez 2019.

NETTO, José Paulo. III CBAS: **Algumas referências para a sua contextualização**. In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (coorganizadores). Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso. – Brasília, 2009.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: A permanência de estudantes negros no e Ensino Superior como política de Ação Afirmativa**. Tese (Doutorado em Educação). Salvador:

Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do serviço social brasileiro na contemporaneidade**. In: Serviço social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS; ABEPSS. 2009. p. 1-27.